

ALTEMIR PASSOS: MEMÓRIAS DE UM RADIALISTA ACREANO

Francisco de Moura Pinheiro¹

Altemir de Oliveira Passos é o radialista mais antigo em atividade no Estado do Acre. Nascido no dia 17 de junho de 1937, no município amazonense de Boca do Acre, Altemir Passos completou 77 anos de vida em 2014. A idade avançada, porém, além de problemas de saúde enfrentados em 2013 (ele sofreu um AVC), não o impedem de continuar na batalha, ocupando os microfones da Gazeta FM 93 todos os sábados.

A vinda de Altemir Passos para Rio Branco deu-se em 1949, aos 12 anos. Dois anos antes ele havia mudado, junto com todos os familiares, para Manaus. Mas a família não se adaptou aos ares da capital amazonense. E aí sobreveio a nova mudança, dessa vez de forma definitiva. Na principal cidade do estado, ele cursou ginásio e científico no Colégio Acreano e, posteriormente, Direito na Universidade Federal do Acre (Ufac).

A trajetória com um microfone em punho começou nos primeiros anos da década de 1960, na Rádio Difusora Acreana, convidado pelo advogado, professor e deputado constituinte Omar Sabino de Paula, que na época exercia o cargo de diretor do Departamento de Imprensa do Acre. Mas antes disso, ele trabalhou algum tempo como chefe de almoxarifado da Secretaria do Fomento Econômico, dirigido por Ruy Lino.

Na década de 1970, Altemir foi eleito o vereador mais votado de Rio Branco, pelo Partido da Aliança Renovadora Nacional (Arena). Embora fosse o partido de sustentação do regime militar, ao qual era submisso o governo estadual, Altemir credita a sua votação às críticas que fazia ao poder enquanto radialista. Verdadeiro ou não, o certo é que ele foi reeleito vereador, chegando posteriormente à Assembleia Legislativa.

Como deputado estadual, a carreira de Altemir durou apenas um mandato. Ele tentou ser reeleito duas vezes e perdeu em ambas. O fracasso nas urnas, ele credita a uma divergência com o bispo católico Moacir Grecchi. Segundo o veterano radialista, o bispo fez campanha contra ele por causa das suas reiteradas críticas ao religioso que, no seu dizer, tinha uma atuação mais política do que voltada aos interesses da igreja.

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e jornalista na Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: fdandao@gmail.com.

Nos dias presentes, apesar da idade avançada e das sequelas (poucas) decorrentes do AVC, Altemir Passos leva uma vida de plena atividade, praticamente sem horas vagas ou ociosas: advoga regularmente, defendendo causas criminais, cíveis e trabalhistas, além de dividir microfones com o filho Altemir de Oliveira Passos Júnior e com a nora Raquel Zaire, todos os sábados, das 9h às 13h, na Rádio Gazeta FM 93.

Seguem os principais trechos de uma conversa que mantivemos num final abafado de tarde de quinta-feira, 14 de agosto de 2014, na casa dele, sob a estreita vigilância de dois gatos e um cachorro.

Tropos – Como se deu o seu início da carreira de locutor e como era fazer rádio na época em que o senhor começou?

Altemir Passos – Eu sempre gostei de falar em microfone. Lá no segundo distrito existia o Salão de Beleza Miriam, bem onde hoje fica a cabeceira da ponte metálica. Esse salão fazia a sua propaganda através de um serviço de alto-falante. E era justamente eu que fazia a locução, anunciando os produtos e os horários do salão, mandando recados, mexendo com alguém que ia passando na rua, essas coisas todas. Aí, um dia, o professor Omar Sabino de Paula, de saudosa memória, pessoa que toda vida foi um homem muito importante e de conduta ilibada aqui no estado, sendo, inclusive, deputado autonomista, e que na época era diretor da imprensa oficial, me ouviu falando, gostou da minha voz, me achou com um vozeirão de locutor de rádio e resolveu me convidar para ingressar na Rádio Difusora Acreana. Chegando lá, minha primeira missão foi ler as mensagens. Eu lia pra mais de 70 mensagens num dia. Tinha que ter muito fôlego. No que diz respeito às dificuldades, a principal delas era o baixo salário. A gente ganhava muito pouco. O dinheiro, no fim do mês, não dava pra nada. A gente fazia aquilo porque gostava. Que eu me lembre, essa era a principal dificuldade.

Tropos – O senhor viveu no rádio o período da ditadura militar no Brasil. Qual era o clima na emissora? A censura era muito forte? Como é que o senhor se comportava?

Altemir Passos – Na época do regime de exceção, a gente tinha que ter cuidado ao ocupar os microfones para não melindrar os militares e, dessa forma, sofrer algum tipo de punição. Mas eu sempre tive muito cuidado e posso dizer que me dei bem com os militares. Nunca fui incomodado por eles. Nunca tive sequer nenhuma advertência

enquanto funcionário da rádio, ao contrário do que aconteceu com alguns colegas. Eu não criticava diretamente os militares do governo. As minhas críticas eram todas em relação de determinadas ações das empresas. Casos da Eletroacre, da Teleacre, essas empresas que prestavam serviços públicos e que às vezes atendiam mal. Se eu entendia que alguma ação das empresas poderia ser prejudicial à população, aí eu tecia as minhas críticas ao microfone, mas tudo dentro de certo limite. Eu falava em favor do consumidor, sempre falei em favor do consumidor. Eu nunca sofri censura. Talvez porque as críticas que eu fazia nunca tiveram um tom mais agressivo.

Tropos – Então, o senhor jamais teve algum tipo de confronto com o poder político, apesar dessas críticas a algumas empresas estatais?

Altemir Passos – Tive, tive sim. Apesar dos cuidados que eu tinha de não ser agressivo, houve uma ocasião em que o meu programa foi tirado do ar e eu fui proibido de voltar. Isso aconteceu no governo da Iolanda Fleming, já na segunda metade da década de 1980. A Iolanda, que era do PMDB [Partido do Movimento Democrático Brasileiro] havia assumido o cargo de governadora no lugar do Nabor Júnior, que fora eleito senador. E ela, quando tomava alguma atitude mais enérgica contra alguém tinha a mania de dizer que “ajoelhou tem que rezar”. Deu-se que eu estava casado com a Beth Passos e comecei a levá-la para apresentar o programa junto comigo na Difusora [Rádio Difusora Acreana]. Lá pelas tantas, não lembro exatamente porque, a Beth repetiu o bordão da governadora e, inclusive, citou o nome dela. A Beth disse algo assim como “ajoelhou tem que rezar né, Iolanda?” Fomos tirados do ar na mesma hora!

Tropos – No tocante à sua carreira política, o quanto o senhor acha que o rádio foi importante para elegê-lo vereador, inicialmente, e deputado, num segundo momento?

Altemir Passos – Até hoje, eu agradeço a Deus, em primeiro lugar, e depois a mim mesmo pela minha eleição. Agradeço a Deus, porque sem Ele nada é possível. E a mim mesmo, por causa do papel que eu desempenhava no rádio. Eu sempre trabalhei em favor da população. Todos os atos do poder público que eu considerava que traziam prejuízos à população, eu dava publicidade deles no rádio. Eu dava publicidade e fazia críticas, mas sempre de forma pertinente e construtiva, procurando apontar o melhor caminho para a solução dos problemas. Por conta disso, eu fui incentivado a me

candidatar. Eu me candidatei e acabei me tornando o vereador mais votado, logo na primeira tentativa. Mas depois de assumir o mandato, eu não deixei de trabalhar na rádio não. De certa forma, eu acabei ficando com dois palanques, dois microfones, para continuar fiscalizando o poder público. Tudo em benefício das pessoas humildes.

Tropos – Sobre a participação dos ouvintes no seu programa de rádio, como é que isso acontecia?

Altemir Passos – Essa interação com o ouvinte acontecia de maneira muito simples e direta. Eu tinha uma linha telefônica ali no estúdio, a minha disposição, e abria para a participação do ouvinte. As pessoas ligavam, a gente botava a voz das pessoas no ar e ali, ao vivo, sem quaisquer cortes ou truques de edição, elas faziam as suas críticas, os seus pedidos, as suas reivindicações. O microfone que eu usava naquele tempo sempre foi um microfone popular, a serviço do povo, uma espécie de tribuna livre. Depois que a pessoa falava o que bem entendia, depois de encerrado o telefonema, aí era a minha vez de repercutir a queixa, cobrar a autoridade ou o setor do governo, às vezes da iniciativa privada, a resolução do problema, uma satisfação para o que estava acontecendo. Uma coisa interessante, quando eu achava que a ação de uma empresa não condizia ao que ela estava afirmando era a frase “eu acredito”. Isso era dito por mim, em tom de ironia.

Tropos – Sobre a sua atuação enquanto parlamentar, em sua opinião o que aconteceu para a sua derrota nas urnas, quando da sua tentativa de se reeleger deputado estadual?

Altemir Passos – Durante muito tempo eu fui bastante prestigiado pelo eleitor. Ganhei três eleições, duas para vereador e uma para deputado estadual. Depois disso, apesar de continuar trabalhando, usando o meu mandato em prol do povo, eu tentei me reeleger duas vezes deputado estadual, mas não consegui mais. O que aconteceu para isso foi que eu não gostava da interferência do bispo da época, Dom Moacir Grecchi, nos assuntos políticos. Esse bispo tinha uma atuação muito mais política do que religiosa. Ele interferia mais na vida política do Estado do que cuidava das ovelhas do seu rebanho. Ele era um dos políticos mais ferrenhos contra o governo estadual. E aí eu falava isso, tanto na rádio quanto na Assembleia, e ele não gostava. Por conta dessa minha atuação, eu fui perseguido por ele. Eu lembro que na última eleição que eu me candidatei, um dia eu estava em frente ao Palácio Rio Branco e encontrei umas beatas

que vinham da catedral, depois de uma missa, e aí elas me disseram que eu nunca mais seria eleito, porque, no dizer delas, eu vivia falando mal do santo bispo. Imagine só, veja o termo: o “santo bispo”. O bispo mandava votar contra mim! Hoje, passado muito tempo, eu sou categórico em dizer: quem me derrotou nas urnas foi o bispo! O bispo tido como santo pelas beatas [nesse ponto o tom da voz é de aguda e profunda ironia].

Tropos – Voltando para o tema rádio, diga-me quais os programas que mais lhe deram prazer de fazer durante toda a sua carreira.

Altemir Passos – O programa que eu mais gostei de fazer se chamava *Manhã Show*, levado ao ar de 10h ao meio-dia, na Rádio Difusora Acreana. Nesse programa o ouvinte participava mandando uma cartinha endereçada a mim. O teor das cartas era sempre relatando um fato que estava atrapalhando a vida da população. Ao final da carta, o ouvinte pedia uma música. Eu atuava como uma espécie de canal do ouvinte. A carta estava ali na minha mão, eu não estava inventando nada. Eu lia a reclamação, tecia as minhas considerações, amplificava a voz do ouvinte, às vezes já indicava o que poderia ser feito pela entidade ou autoridade responsável e encerrava atendendo ao pedido musical da pessoa que enviara a cartinha. É claro que nem todas as reivindicações eram atendidas, mas uma boa parte delas sim. Eu fazia questão de ficar, nos programas seguintes, lembrando o problema e pedindo que o ouvinte se manifestasse de alguma forma se havia sido tomada algum tipo de providência.

Tropos – Por último, meu caro Altemir de Oliveira Passos, eu gostaria que o senhor fizesse uma breve reflexão sobre as suas atitudes e me dissesse quais os caminhos que seriam evitados e quais os que seriam percorridos, caso lhe fosse dado o direito de viver tudo outra vez.

Altemir Passos – Olha, decorreu um tempo e houve uma mudança de pessoas no poder, no governo, então eu passei a ser um militante petista, passei a ser a favor daquela corrente ideológica que antigamente eu combatia. Veja bem, eu não sou filiado ao partido, nem acho que precise ser. Inclusive porque a essa altura eu não tenho mais nenhuma pretensão de concorrer a cargo político ou administrativo algum. Mas é que eu entendo que as pessoas que hoje estão exercendo o poder no Acre são os únicos com capacidade de trabalho, e que estão trabalhando para a melhoria das coisas aqui na nossa terra. Eu, hoje, defendo os ideais do atual partido que está no poder. Essas pessoas



TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

me convenceram pelo que tem feito que merecem governar e continuar governando o Acre. Mesmo que eu não precise, que eu não tenha a obrigação de votar, por conta da minha idade, ainda assim eu faço questão de comparecer às urnas no dia da eleição e dar meu voto a elas. O governo petista do Acre é um bom governo e eu acredito que ele deve ser reeleito. Quanto a alguma coisa que eu não deveria ter feito, tanto na vida pessoal quanto profissional, eu não acho que tenha feito nada não para me arrepender. Sempre falei pelo povo, tanto nas tribunas parlamentares quanto nos estúdios de rádio e, dessa forma, não me lembro de nada do qual eu possa ter algum tipo de arrependimento.